

951.

GOVÊRNO MILITAR ALIADO NA SICÍLIA

(Pela Divisão de Negócios Cívís do Departamento de Guerra dos Estados Unidos. — Traduzido da revista "Military Review" pelo Tenente-Coronel PAULO MAC CORD).

O *Governo Militar Aliado* (Allied Military Government-AMG), tal como foi estabelecido na Sicília, representa o esforço feito pela primeira vez na História por duas grandes potências no sentido de empregar pessoal do exército em uma organização destinada a exercer a administração civil de uma região inimiga conquistada.

Por êste motivo, é natural o interêsse que surge em tórno dos métodos adotados pelo AMG e dos resultados obtidos. Estudaremos aqui, particularmente, sua organização tática, sua integração no conjunto das forças armadas e o modo pelo qual desempenhou o seu papel à medida que os exércitos avançavam.

Foi regra normal de procedimento dos oficiais do AMG desembarcarem no dia D com as tropas combatentes, permanecerem a seu lado nas horas amargas do combate e penetrarem nas cidades fumegantes enquanto ainda troava a artilharia.

Os problemas relacionados com os interêsses da população civil no caminho cortado por nossas fôrças através da Sicília apresentavam dificuldades da maior monta, dadas as condições de extrema violência da campanha, pois que cidades inteiras haviam sido reduzidas a escombros pelos bombardeios aéreos e de artilharia. O inimigo em retirada esvaziava os armazens, requisitava todos os transportes motorizados e destruía ponte por ponte, parализando a economia pública.

O povo fugia para os morros durante os assaltos, mas regressava logo após a chegada das nossas tropas. Chorava sobre as ruínas e sobre os cadáveres dos parentes e amigos, mas nada podia fazer em proveito próprio: achava-se estarecido, consumido pela guerra; clamava por alimento e por abrigo. As autoridades que não haviam fugido com o inimigo declaravam-se impotentes para assumir a iniciativa de qualquer providência.

Os modernos princípios de guerra exigem que os comandantes de exércitos demonstrem comiseração para com os civis. Mas, mesmo que assim não fôsse, e aqueles chefes permanecessem insensíveis à desgraça destes, o seu próprio interesse ditaria a necessidade de uma organização capaz de cuidar dos assuntos civis.

Sem alimentos e sem abrigos, os moradores das regiões situadas na retaguarda de um exército passam a constituir, dentro de pouco tempo, séria ameaça às linhas de comunicação. Amotinam-se contra a tropa acantonada nas cidades, assaltam os armazens e os combôios de suprimentos, praticam atos de sabotagem nas linhas telefônicas militares, pontes e veículos e prestam informações e auxílios diversos ao adversário.

Antes do dia D na Sicília, os oficiais do AMG, ao se incorporarem às unidades táticas, tiveram fria recepção da parte de alguns comandantes que ainda não compreendiam o alcance da sua missão. Mal decorrida, porém, uma semana de campanha, os mesmos chefes apelavam entusiasticamente pela vinda de mais elementos da organização, cujo trabalho recebeu posteriormente a mais alta apreciação de todos os escalões.

O plano do AMG para a invasão da Sicília centralizava-se no Quartel General Aliado em Argel, sob a Seção do Governo Militar, da qual o general de brigada Julius C. Holmes era o chefe.

Escola de treinamento, com seção de planejamento, foi instalada em um recanto desportivo de inverno, pequena vila francesa do Norte da África, denominada Chrea, e situada no tampo de u'a montanha de quase dois mil metros de altitude, perto de

Argel, dominando o Mediterrâneo. No seu comando achava-se o major general Lord Rennel of Rodd, cujo pai havia sido, durante muito tempo, embaixador britânico na Itália, e que tinha passado muitos anos de sua vida naquele país. Rennell fôra designado "Chefe dos Assuntos Cívís" para o 15.º Grupo de Exército, que compreendia duas unidades estratégicas, o Sétimo Exército Americano de Patton e o Oitavo Exército Britânico de Montgomery.

O general de brigada Frank J. McSherry, do Exército dos Estados Unidos recebera a nomeação de "Delegado dos Assuntos Cívís".

Algumas centenas de oficiais americanos e britânicos — muitos dos quais habilitados pelas escolas de administração civil mantidas pelo Exército em Charlottesville, Virgínia, e Wimbledon, Inglaterra — reuniram-se em Chrea, em fins de maio de 1943. Procurou-se, intencionalmente, manter entre os mesmos a mais estreita intimidade, já intercalando, na mesa das refeições, os de uma nacionalidade com os da outra, já organizando, em promiscuidade, os alojamentos que lhes eram destinados.

Diversos oficiais britânicos possuíam experiência de governo militar da Abissínia, Eritréa, Somalilândia e Tripolitânia, sendo, assim, de grande valia, a contribuição que podiam dar. As diferenças de temperamento, de costumes e, acima de tudo, dos regulamentos militares, ocasionaram, a princípio, alguma dificuldade. Mas havia conveniência em assegurar uma administração unificada e um programa harmonioso de ocupação.

Um comissão de administração e planejamento foi constituída e empenhou-se na preparação de ordens e proclamações, bem como de instruções minuciosas para o governo a ser exercido na Sicília.

O plano básico adotado fixou os seguintes objetivos:

α) Restabelecer a lei, a ordem e as condições normais de vida da população civil, tão cedo quanto possível; dentro

dos recursos disponíveis prover-lhe os meios de subsistência, socorrendo os necessitados, onde necessário.

b) Promover o aproveitamento, pelas forças ocupantes, dos recursos econômicos do território.

c) Fornecer pessoal especializado para aliviar as unidades de combate, até onde fôsse praticável, da necessidade de cuidar da administração civil.

d) Colaborar na realização dos objetivos políticos e militares das Forças Aliadas relacionados com as operações futuras, por meio de eficiente direção do território e aplicação das diretivas baixadas pelo Comando em Chefe.

O General Alexander, como Comandante do 15.º Grupo de Exército, foi designado pelo General Eisenhower para o Governador Militar. Os grandes comandos subordinados, até o escalão divisão, foram investidos de responsabilidade integral e autoridade para exercerem o governo militar em suas zonas de ação, utilizando-se, assim, nesses limites, a cadeia hierárquica do comando.

Nestas condições, enquanto o General Alexander enfeixava as rédeas do governo militar geral e transmitia diretivas para a administração civil no seu mais amplo significado, Patton e Montgomery assumiam, nas zonas atribuídas a seus exércitos, pleno contróle daquela administração, regulando-a ainda junto aos comandantes de corpos de exército, os quais, por sua vez, exerciam completa autoridade na matéria dentro dos limites de ação das suas unidades. Até aos comandantes de divisão foi estendida, analogamente, a incumbência de dirigir os assuntos civis na esfera de ação de suas atividades.

Em cada escalão, os oficiais do AMG ficaram sob a autoridade dos combatentes das grandes unidades mencionadas.

A subordinação funcional dos mesmos oficiais variava, entretanto, nas diversas formações. No grupo de exército, o Major General Lord Rennell desempenhava o papel de oficial especial de estado-maior; nos quartéis-generais dos dois exércitos, os oficiais em aprêço desfrutavam idêntica situação, diretamente subordinados ao chefe do estado-maior.

No corpo de exército, o regime foi alterado. No II Corpo do Sétimo Exército, os oficiais do AMG foram colocados no Serviço de Justiça, que funcionou intensivamente com o encargo dos negócios civis do General Bradley. Os corpos britânicos mantinham o controle dos assuntos civis no próprio estado-maior, com pouco rigor inicial, provindo quase toda a orientação do quartel-general do Oitavo Exército.

No nível da divisão, alguns comandantes entendiam-se diretamente com o oficial do estado-maior encarregado dos assuntos civis. Em outras divisões, a função era desempenhada através da 1.^a Seção, do Serviço de Justiça, ou, como sucedeu em um caso singular, por intermédio do Comandante da Polícia.

Abaixo da divisão, não havia organização prevista para a direção dos negócios civis nos estados-maiores, conquanto em certas circunstâncias oficiais daquele ramo ficassem adidos temporariamente a brigadas, e mesmo a regimentos, de maneira a poderem ser imediatamente aproveitados, após a queda de uma cidade, nas missões que lhe eram peculiares.

Enquanto, assim, a parte militar propriamente dita transitava pelos canais do comando, assegurava-se a remessa das informações de natureza técnica diretamente através dos escalões do AMG. O Chefe dos Assuntos Civis utilizava êsses canais técnicos diretos para, por exemplo, orientar a política fiscal e econômica. Caso concreto merece citado, com relação ao preço do trigo.

Reclamação generalizada contra o baixo preço daquele cereal havia sido formulada pelos agricultores em todos os pontos da Sicília primeiramente ocupados pelas tropas aliadas. Isto constituía pretexto para desinterêsse pelo cultivo do artigo, eminentemente necessário à alimentação dos civis nas cidades. Naturalmente, os comandantes de corpos de exército e divisões não podiam, isoladamente, fixar o preço do trigo em suas zonas, sem causar perturbação ao conjunto. Entretanto, um oficial encarregado da administração civil, precipitado e mal orientado, chamou a si a resolução do problema, elevando

arbitrariamente o custo de aquisição do mencionado cereal no seu setor, dando lugar, imediatamente, a pedidos de idêntica concessão da parte de agricultores de outras áreas.

O Chefe dos Assuntos Cívís interveiu, então, e notificou todos os subordinados, através dos canais do AMG, de uma política uniforme a respeito do preço do trigo. Isto poderia ter sido feito por intermédio dos comandos militares, mas com maior perda de tempo e desnecessária ocupação de oficiais táticos, completamente absorvidos pelos assuntos que lhe interessam diretamente.

Ficou também estabelecido que, quando uma zona diminuísse de importância militar e as condições ambientes o permitissem, os comandantes dos exércitos seriam aliviados da responsabilidade da administração cívíl, passando o contrôlo respectivo a ser feito, por ordem do General Alexander, pelo Chefe dos Assuntos Cívís, diretamente.

No Quartel General do 15.º Grupo de Exército e nos do Sétimo e Oitavo Exércitos, as seções de estado-maior do AMG compreendiam seis divisões especiais: legislação, finanças, suprimento cívíl, segurança pública, saúde pública e propriedade inimiga. Às vezes, mas sem regularidade, representantes dessas divisões estacionavam, também, nos quartéis-generais dos corpos de exército.

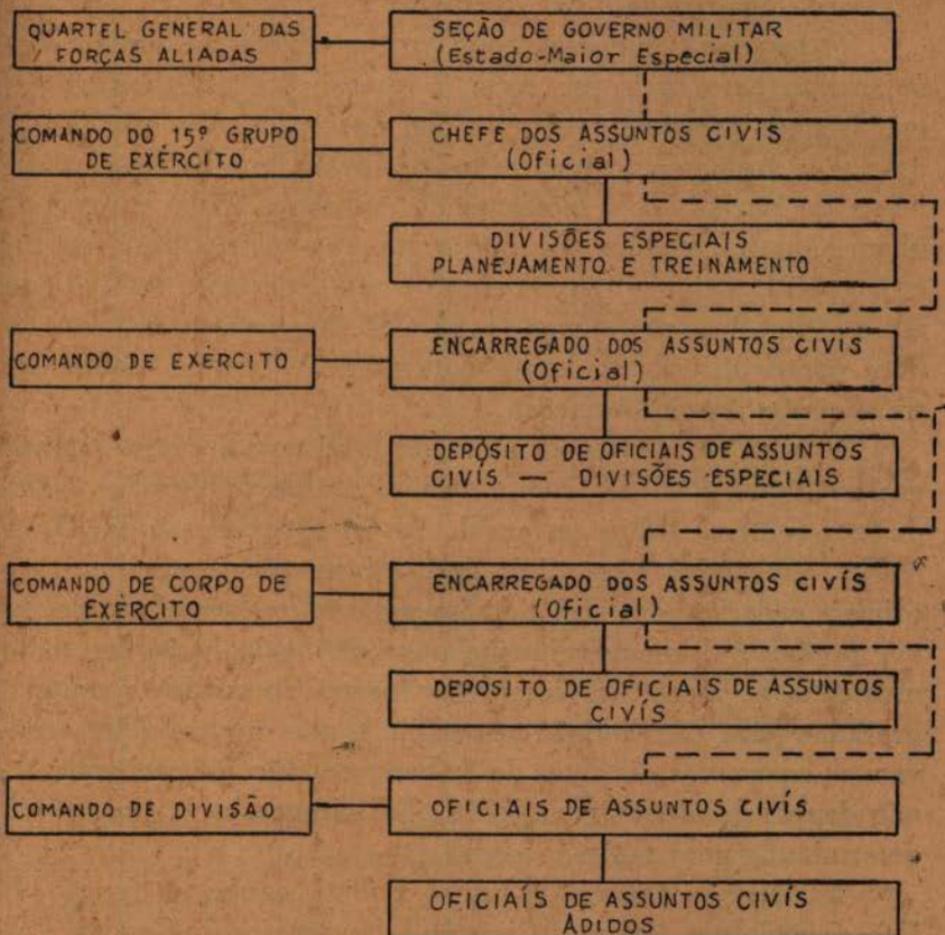
Os chefes dessas divisões especiais eram os conselheiros técnicos de todos os escalões inferiores do AMG, atuando por vezes através dos canais técnicos respectivos, mas não estavam impedidos de procurar os representantes das divisões correspondentes dos outros quartéis-generais ou de lhes escrever sobre assuntos técnicos, e até mesmo de se entender diretamente com os oficiais dos assuntos cívís das cidades situadas no campo de operações.

Em todas as ocasiões, antes das operações e durante as mesmas, houve a mais estreita ligação e cooperação entre os oficiais de estado-maior do AMG e as outras seções dos estados-maiores general e especial. Os oficiais de saúde pública encaminhavam seus planos e informações através do Serviço de

GOVERNO MILITAR ALIADO
ORGANIZAÇÃO ADOPTADA NA SICÍLIA

AS LINHAS CHEIAS INDICAM OS
CANAIS DE COMANDO

AS LINHAS PONTUADAS INDICAM OS
CANAIS TÉCNICOS



Saúde; os dos suprimentos trabalhavam intimamente com a 4.ª Seção. O abastecimento civil foi uma das maiores preocupações do AMG, tendo sido providenciado para que as mercadorias fossem armazenadas, transportadas e distribuídas na Sicília sem perturbar os suprimentos militares. Ao mesmo tempo, o AMG foi incumbido de auxiliar os Intendentes do Exército a obter vegetais frescos e artigos de abastecimento local.

Os problemas do tráfego e a manutenção da ordem foram estudadas pela divisão de segurança publica em entendimento com o Comandante da Polícia. Simultaneamente, a mesma divisão discutia com a Segunda Seção e o próprio Comando as medidas a estabelecer para a prisão de fascistas perigosos e a segurança das tropas e das operações.

Todas essas minúcias constituíram objeto de prévio planejamento em Chrea, em meio às precauções drásticas ali tomadas para proteger o segredo das operações. Os oficiais da escola de treinamento ignoravam os locais fixados para as cabeças de praias até o momento do embarque. Nem mesmo tinham sido informados de que o ataque será realizado na Sicília, pois, qualquer notícia nesse sentido deveria ser adiada até o último instante e, como a partida se procedeu de cêrca de doze pontos diferentes, houve naturalmente certas falhas na transmissão das informações.

A todos os oficiais haviam sido ministrados cursos intensivos de lingua italiana, com fornecimento de publicações e dados referentes à Itália em geral. Ao se aproximar o dia D, os chefes das divisões especiais deram instruções específicas aos oficiais encarregados das missões particulares, continuando êstes, porém, no desconhecimento das ações principais. Em dado momento, as instruções completas foram aprovadas e mimeografadas para distribuição aos oficiais, mas muitos deles achavam-se em pontos distantes de embarque e não as receberam senão depois de alcançar a Sicília. Foi circunstância inevitável, determinada pelo rigor do sigilo.

Ao Tenente-Coronel Charles Poletti coube a função de Encarregado dos Assuntos Cívís no estado-maior do General Patton; ao Capitão de Grupo C. B. Benson, da Royal Air Force, missão análoga junto ao General Montgomery. Poletti tinha um ajudante britânico, Tenente-Coronel Peter Rodd. O ajudante de Benson era americano, Tenente-Coronel Harvey Gerry, que havia anteriormente servido com o Oitavo Exército na Tunísia, com encargos de administração civil. Havia cinqüenta e quatro oficiais do AMG no estado-maior do Sétimo Exército e

103 no estado-maior de Montgomery. Êsses números foram aumentados posteriormente, de acôrdo com as necessidades.

Um mês antes do dia D, mais ou menos, o Tenente-Coronel Poletti e o Capitão de Grupo Benson, bem assim determinados auxiliares seus, foram mandados adir aos estados-maiores dos dois exércitos, afim de com êles se familiarizarem. Expediram-se ordens e instruções no sentido de explicar a função que lhes cabia. Os chefes das divisões especiais do AMG foram apresentados aos oficiais do estado-maior encarregados de assuntos correlativos, tornando possível, a partir de então, o estudo em conjunto dos planos.

A princípio, de acôrdo com a organização do AMG, certas utilidades civís não ficaram sob sua direção, sendo, ao invés, controladas por outras seções do estado-maior. Os serviços de telefone, telégrafo, cabo submarino e radiotelegrafia estiveram a cargo do oficial de transmissões. Gás, energia, abastecimento d'água, pontes, estradas, cáis e estaleiros passaram a depender do Serviço de Engenharia.

Contudo, os oficiais de engenharia do AMG sempre atuaram em cooperação com os oficiais de transmissões e de engenharia do efetivo orgânico do Quartel General, procurando entendimento com as autoridades civís e providenciando para que todo o auxílio possível fôsse prestado pelas repartições oficiais e estabelecimentos particulares.

Logo que o interêsse militar pelas utilidades terminava, o AMG assumia o contrôle integral das mesmas.

À proporção que o dia D se aproximava, grupos de oficiais do AMG eram destacados para unidades de combate, com a missão de acompanhá-las durante a invasão.

Exemplares impressos de todas as proclamações e ordens eram levadas por êsses grupos, de modo a poderem ser afixadas imediatamente após o desembarque na Socília. As sete primeiras proclamações versavam sôbre os seguintes assuntos:

1) Declaração do estado de ocupação e do estabelecimento do govêrno militar;

- 2) Atribuição do caráter de crime a certas contravenções;
- 3) Criação das Côrtes Militares Aliadas;
- 4) Provisão da moeda e fixação das taxas de câmbio;
- 5) Fechamento dos bancos e concessão de moratória para determinados débitos e obrigações;
- 6) Anulação de certas leis, inclusive das que haviam sido intencionalmente elaboradas contra os Governos Aliados ou seus cidadãos, bem como das que envolviam discriminação racial;
- 7) Organização da Custódia da Propriedade Aliada e Inimiga.

Dois avisos foram também publicados para conhecimento geral: o que fixava as horas em que era proibido sair às ruas (do pôr do sol ao amanhecer) e o que determinava o recolhimento de armas, munições e aparelhos de rádio.

Três divisões americanas, a 1.^a, a 3.^a e a 45.^a desembarcaram na Sicília no dia D, todas trazendo consigo oficiais do AMG. O Tenente-Coronel Poletti, vindo da África com o Quartel General Avançado do Sétimo Exército, também desembarcou no dia D e passou, desde logo, a coordenar o trabalho de todos os grupos do AMG das diversas divisões americanas.

Os problemas que imediatamente se apresentaram aos oficiais do AMG no desembarque foram análogos em todos os pontos da invasão. O caso da 1.^a Divisão fornece um exemplo típico.

O Tenente-Coronel W. R. Irish deixou Chrea e juntou-se à 1.^a Divisão em Sidi Chami a 21 de junho, ficando adido à seção de estado-maior do Coronel Kiroe, do Serviço de Justiça. Poucos dias depois, nove outros oficiais do AMG incorporaram-se à divisão. O Coronel Irish e seu estado-maior realizaram consultas sucessivas com os oficiais de estado-maior das outras divisões, elaborando minucioso plano de ação. Organizaram diretivas para a administração civil, que foram aprovadas pelo General Comandante, por intermédio do Chefe do Estado-Maior.

Um relatório oficial das primeiras atividades apresentado pelo Coronel Irish nos dá conta do modo interessante pelo qual as cousas se passaram.

“O Tenente-Coronel Irish e o Tenente Asquini (oficial americano que falava italiano) desembarcaram na praia de Gela às 7 horas da manhã do dia D, sob fogo de granadas, e dirigiram-se para o quartel general divisionário, situado a um quilômetro de distância aproximadamente. Às 2 da tarde, partiram para Gela em um “jeep”, entrando na cidade por volta das 3 horas. Renhida luta ainda se travava em certas partes da cidade e seus arredores, até mesmo com o emprêgo de carros de combate. Instalaram-se em um edifício da zona ocupada da cidade e convocaram o juiz, o prefeito e os representantes da Igreja para uma reunião, três vezes interrompida por incursões aéreas. A luta prosseguiu durante todo o dia e pelos dois que se seguiram.

“As autoridades italianas, apesar das dificuldades, revelavam espírito de cooperação, mas estavam completamente inativas por efeito dos acontecimentos e pouco auxílio podiam prestar.

“Os problemas principais que o Tenente-Coronel Irish teve de enfrentar nos primeiros dias foram os seguintes:

“a) Havia 170 cadáveres para serem inumados, a maioria dos quais já se achava em decomposição. Tinham de ser enterrados sem caixão e as pessoas do povo esquivavam-se de carregar os corpos. Por isso, teve êle de utilizar para tal fim os prisioneiros de guerra italianos e as carroças existentes no local. Não havia medicamentos nem assistência médica para os atacados de tuberculose, febre tifóide e sarna, moléstias que predominavam na região.

“b) Faltava água na cidade, porque os encanamentos tinham sido sangrados em muitos pontos, tanto pelos civís como pelos militares. O Tenente-Coronel Irish pôs a trabalhar a engenharia municipal e em trinta e seis horas a rede d'água estava de novo em funcionamento.

“c) Não havia energia, porque a estação geradora estava completamente desmantelada por efeito do bombardeio. Com exceção da usina elétrica, a cidade não havia sido seriamente danificada pelo ataque aéreo. A situação da energia elétrica continuou a ser precária por algum tempo.

“d) Todas as padarias, que se achavam fechadas, tiveram de reiniciar os seus trabalhos utilizando como combustível a madeira tirada das casas bombardeadas. Isto foi feito no dia D mais 1.

“e) Gela foi utilizada como artéria principal para o recebimento de provisões para a tropa, o que, inevitavelmente, complicou o problema do restabelecimento da vida normal da cidade.

“No dia D mais 1, o Coronel Irish organizou os Carabineiros.

“O Prefeito da cidade, um preeminente fascista, havia fugido três dias antes da ocupação, tendo sido substituído por um professor escolar sem a necessária experiência. O Coronel Irish foi obrigado a afastar o mestre escola e a nomear para o cargo pessoa mais competente.

“Multiplicavam-se os casos individuais de extrema penúria e crescia o problema dos refugiados. Alí, como alhures, os militares apelavam para os oficiais do AMG, no sentido de conseguirem solução para muitas cousas que não podiam orientar através dos canais militares regulamentares.

“Desde o comêço, as autoridades italianas foram claramente informadas de que era do seu papel tomar a iniciativa de todos os assuntos que lhes dissessem respeito, resolvendo-os por sí, somente recorrendo ao Coronel Irish quando absolutamente necessário. O problema da falta de alimentos não se apresentava muito crítico, porque a cidade havia sido ocupada ainda a tempo de se apreenderem os armazéns de abastecimento e de se organizarem os Carabineiros, afim de impedir o saque”.

O Tenente-Coronel George H. McCaffrey e um outro grupo de oficiais do AMG foram mandados servir com a 3.^a Divisão

de Infantaria, então reunida em um bosque de oliveiras próximo de Bizerta. A divisão deveria estabelecer uma cabeça de praia perto de Licata, cabendo a um regimento de infantaria o assalto inicial. Afim de poder atuar em Licata sem demora, o Major R. Ashworth, do AMG, foi destacado junto àquele regimento e entrou na referida cidade uma hora após a sua queda.

O Coronel McCaffrey e os outros oficiais puseram os pés em Licata no mesmo dia. O Major Ashworth já se tinha instalado no Edifício da Prefeitura e organizado os Carabineiros. Proclamações e ordens estavam devidamente afixadas.

O Prefeito havia fugido com outras autoridades. Dessas, as que permaneceram foram convocadas para uma conferência com o Coronel McCaffrey, que fez um apêlo ao clero para que pregasse com veemência o acatamento às referidas ordens e proclamações.

As crateras de minas e granadas existentes nas ruas da cidade constituíam ameaça ao tráfego militar, tendo sido, por isso, requisitada a mão de obra civil para a execução dos reparos. Os gêneros escasesavam, causando êsse fato inquietação no povo. A rede de abastecimento d'água tinha sido destruída pelo bombardeio. A princípio a água foi transportada para a cidade em viaturas, mas tal medida em breve foi sustada, porque cavalos e viaturas passaram a ser utilizadas pelo exército.

Outras cidades foram tomadas no segundo dia, predominando o saque na maioria delas. O saque de cereais pelos civís foi sobretudo prejudicial, agravando o já trabalhoso problema de alimentação do povo. Alguns saqueadores foram apanhados e no dia 13 de julho o Coronel McCaffrey presidiu ao primeiro Tribunal Militar Aliado na Sicília, julgando três homens acusados daquele crime.

A escassez de alimentos em Canicatti deu lugar a um levante a custo dominado por quatorze policiais militares de serviço naquela cidade. Haviam os policiais procurado intimidar,

a princípio, o populacho, atirando para o ar, mas aquele deitou-se nas ruas e continuou a vociferar.

O Coronel McCaffrey relatou a situação ao Chefe do Estado-Maior da 3.^a Divisão, que lhe deu instruções para atirar nos insurretos encontrados em flagrante, se necessário, afim de restabelecer a ordem, e para recorrer ao Coronel Johnson, comandante do regimento de infantaria, para obter auxílio. Um pelotão de infantaria foi enviado pela última autoridade, com a incumbência de recolher todas as armas e munições porventura existentes na cidade. Nessa ocasião, o Coronel McCaffrey prendeu certo número de amotinados em fuga, sobraçando barras de sabão. Diligenciando descobrir de onde provinham, foi ter a uma fábrica daquele artigo, que estava sendo saqueada por enorme massa de povo. O Coronel McCaffrey, com o auxílio da força, acabou com a pilhagem, prendendo os seus executores.

Fora do saque generalizado, contudo, a população era dócil, mesmo quando reclamava. As autoridades do Governo, purgadas de fascistas, foram chamadas a reassumir suas funções, sob a orientação superior dos oficiais do AMG.

Por ocasião da queda de Palermo, em 22 de julho, o Coronel Poletti instalou o quartel-general do AMG no edifício da Prefeitura e submeteu os trabalhos referentes à administração civil a uma base de controle local. Se bem que todos os oficiais continuassem a depender dos comandantes das grandes unidades, admitia-se relativa autonomia nas administrações provinciais, entregues ao critério de oficiais experimentados.

A prisão de criminosos e fascistas perigosos era da competência do Corpo de Contra-Espionagem e do seu correspondente britânico, o Serviço de Segurança em Campanha. O afastamento dos fascistas dos cargos era tarefa do AMG, desempenhada a princípio nos próprios locais pelos oficiais respectivos, mas organizada posteriormente numa base limitada, com questionários distribuídos a todas as autoridades, inclusive professores escolares, pertencentes ao partido fascista ou com o mes-

mo relacionadas, de modo a permitir às comissões especiais depurarem os elementos indesejáveis. Era claro que o AMG não podia afastar todos os membros do partido fascista das funções públicas, porque isto equivaleria praticamente a eliminar todas as autoridades, inclusive as de mais baixa categoria, e os funcionários que haviam ingressado no partido somente para angariar as posições que usufruíam, e conservá-las.

Quando as forças combatentes se deslocaram para leste e tomaram Messina, toda a ilha ficou em poder dos aliados, e o papel do AMG descambou do campo das considerações militares propriamente ditas para o da reconstrução das cidades desmanteladas, do aprovisionamento de gêneros e remédios, da reconstituição dos serviços essenciais, do restabelecimento da Justiça, etc.

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

AGÊNCIAS :

Amparo — Araçatuba — Atibaia — Avaré — Barretos — Batatais —
 Bauru' — Botucatu' — Braz (Capital) — Caçapava — Campinas —
 Campo Grande (Mato Grosso) — Catanduva — Franca — Ibitinga —
 Itapetininga — Jaboticabal — Jau' — Jundiá — Limeira — Marília —
 Mirasol — Novo Horizonte — Olimpia — Ourinhos — Palmítal — Pira-
 juí — Pirassununga — Pres. Prudente — Quatá — Ribeirão Preto —
 Sto. Anastacio — São Carlos — São Joaquim — S. José Rio Pardo —
 Santos — Tanabi — Tupan.



DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — CÂMBIO — COBRANÇAS —
 TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
 SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE.